

A ESCRITA EPISTOLAR, O ESPAÇO URBANO E ALGUMAS REPRESENTAÇÕES

Camila Nascimento Azevedo¹

INTRODUÇÃO

A prática de colecionar cartões-postais foi muito comum na primeira metade dos novecentos. Não há como dissociar deste novo hábito a novidade da fotografia e as novas técnicas de impressão que permitiram uma produção massificada do cartão postal. A receptividade e a curiosidade do público diante das belas imagens transformaram o cartão-postal (postal como era comumente chamado) em objeto colecionável e muito consumido.

Se na contemporaneidade, numa sociedade essencialmente icônica onde as imagens podem ser corriqueiras ou banais, as cenas apresentadas que ilustram essas pequenas correspondências acabam por nos hipnotizar, não é difícil então, entender o deslumbramento de muitos diante da variedade imagética apresentada nesses pequenos retângulos, que não deixavam de ser uma forma de comunicação.

Mais do que as imagens, os cartões postais nos apontam para declarações cotidianas e íntimas que durante algum tempo estiveram livres de uma análise e de um olhar mais atento a suas características epistolares. A quebra do segredo epistolar proposta pela ausência do envelope pode ter contribuído também para predileção do estudo de correspondências lacradas, até porque a indiscrição presente no postal pode ter sido um elemento inibidor para muitos remetentes. Não fica difícil entender os motivos pelos quais os estudos acadêmicos se debruçassem sobre as epístolas ou conjunto epistolares que possuíam pelo menos aparentemente um conteúdo mais rico e interessante para ser problematizado. É preciso considerar também, a composição do postal: o formato do postal, o seu tamanho, a qualidade do registro imagético, o destaque que é dado à imagem (monumento, paisagem, tipos sociais, vistas panorâmicas, entre outros), sendo que o espaço para escrita era pequeno e próprio para mensagens curtas e rápidas. Neste estudo os postais são considerados importantes fontes de escrita epistolar possuidores de um mecanismo que contém “imagem, mensagem, remetente, destinatário e contexto”(MORAES, 1993: XII).

Os cartões que aqui aparecem fazem parte de uma coleção familiar iniciada na primeira

¹ Mestranda em História na Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista CNPq.

metade do século XX, composta por 271 exemplares dispostos num álbum próprio para a compilação do material. A coleção analisada foi realizada por Violeta Monteiro de Azevedo Jardim (1872–1958), seu marido Octávio Tavares Jardim (1869-1941) e sua filha Yone Jardim (nome de solteira), há fortes indícios de que todos os membros da família fossem naturais do Rio de Janeiro. A intenção é exemplificar e introduzir possíveis problemáticas que o estudo mais aprofundado da escrita epistolar presente nos postais pode oferecer. Mesmo reconhecendo a limitação que o espaço físico do postal oferece para a escrita epistolar é possível reconhecer vestígios de uma mentalidade vigente no início do século XX em registros informais que, muitas vezes, não possuem a confortável proteção de um envelope. Os remetentes utilizam o postal tanto como uma forma de expressarem a saudade que sentiam de amigos e parentes como para desabafar suas angústias. Os escritos epistolares perpassam por temas estéticos e que imprimem a escrita dos remetentes noções de pertencimento a uma classe ou grupo específico. O espaço físico do postal limita as informações que poderiam nele ser impressas, característica esta que pode induzir o remetente a resumir a mensagem enviada. Este possível resumo, ou a ausência de detalhes mais precisos a respeito de acontecimentos descritos pelos remetentes acaba por dificultar uma pesquisa mais abrangente e que perpassasse profundamente todas as questões que aparecem nas correspondências. Nesse sentido, a análise do espaço urbano por onde a Família colecionadora transitava é considerada uma importante tentativa de caracterizar os conflitos, interesses, preferências e intenções a serem perpetuadas pelo grupo em questão.

O postal e suas variadas formas de utilização

Ao estudarmos os postais recebidos pela família Jardim percebemos que de formas diferentes “o cartão procura estabelecer uma comunicação entre ausentes e assim restituir a distância” (SHAPOCHINIK, 1998: 424). Alguns possuem mensagens curtas de feliz ano novo ou recomendações², “Ao meu padrinho desejo um ano novo de muitas e felicidade. Beijo da Geninha janº = 1906”. Algumas pessoas aparecem com mais frequência, como o amigo Barboza que em muitos postais registra uma pequena dedicatória a Yone com as suas lembranças. “A´querida Ionesinha – lembrança do Barboza – Vichy. 28. 6 – 901” . Há registros de cartões enviados por Barbosa que não possuem intervalo de um dia, frequência que confirma a verdadeira obsessão que havia pelo envio de postais e é constantemente enfatizada pelos pesquisadores interessados no tema.

² Todas as citações diretas de postais recebidos feitas aqui obedecem à grafia utilizada pelos remetentes.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH BRASIL

Octávio também utilizava o postal como veículo de comunicação para dizer que estava com saudade da família ou para uma mensagem rápida, “Beijos e saudades do Otávio Paris 7/3.05.” Ao que tudo indica Octávio usava postal para manter contato freqüente com a família durante suas viagens a trabalho. Outras mensagens também de cunho mais prático nos chamam atenção para eficiência desse tipo de comunicação mais rápida que a carta convencional,

Prezada Mme Jardim, para compensar o nosso desencontro de terça-feira, peço-lhe o favor de vir tomar (?) comigo na terça-feira proxima (25).

Se não tiver com quem deixar a sua filhinha terei muito praser em ve-la tambem, somente será triste para ella não ter com quem brincar salvo se Mme Dantas quiser trazer o Carlinhos: cumprimentos de nós ambos p^a, si e seu marido e um abraço de sua J. Castro

Existem ainda aqueles remetentes que não respeitam a limitação espacial destinada à escrita da mensagem, fazendo com que seu postal não se limite a uma simples forma de comunicação rápida, nos dando até a impressão que estamos lendo uma carta fechada (fig. 1)

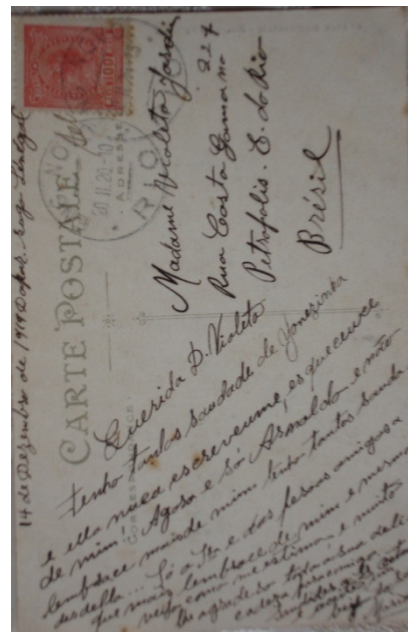


Fig. 1 - Maria – Dakar, 14 dez. 1919.

14 de dezembro de 1919 DaKar. Sugo Sênegal

Querida D. Violeta

Tenho tantas saudades de Yonezinha e ella nuca escreveu-me, esqueceure de mim! Agora e só Arnaldo e não lembrace mais de mim tenho tantas saudades della ... Só a Sra e das pessoas amigas a que mais lembrace de mim e mesma veja como me estima e muito lhe agradeo toda á sua delicadesa para comigo. Saudades a Sr Otavio aceite um beijo da ... Maria.

Diga a Yone que todos os navios que chegão do rio eu espero carta della, diga que me escreva mesmo que seja um cartão eu já fico contente! ... Saudades e beijos para Yone, do Arnaldo nada mando pois esta zangada com elle ...

Aqui tem feito muito frio de noite e de manha parece mentira! ...

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Escreva-me sempre que poder tenho tantas saudades da Sra e suas cartas muito me alegrão. Lhe fico muito agradecida pelas revistas que tem mandado-me. Um abraço bem saudoso para Sr Otavio beija-lhe as mãos com carinho e saudade sua pequena Maria.
(...)

A remetente acima utiliza o espaço do postal para composição de uma mensagem clara, particular e íntima. O agradecimento pelas revistas recebidas revela a existência de um vínculo que se estabelece não apenas pelo postal, mas por outros tipos de correspondência. Provavelmente este cartão faz parte de um conjunto onde a distância e os laços de amizade são mantidos e até mesmo reforçados por meio de cartas e presentes enviados da mesma maneira que o cartão.

Interessante notar que a remetente acima chegou a diferenciar a carta do cartão-postal dizendo que esperava por uma carta, mas que um cartão já a deixaria contente, tal diferenciação nos chama atenção para o caráter mais simples e compacto que pelo menos teoricamente o postal recebia. Convém afirmar que, para esta remetente uma carta teria mais valor simbólico do que um cartão-postal, mesmo assim, na falta da carta o cartão-postal a satisfazia.

Esse tratamento diferenciado que o postal recebe, considerado com menos valor do que uma carta quando usado como correspondência pode ser observado no tratamento que Mario de Andrade dava a seus postais. É digno de nota que enquanto as cartas o escritor guardou com cuidado, os postais eram tratados sem método algum, alguns lhe serviram até mesmo como fichas de anotação ou marcadores de livros (MORAES, Op. Cit.: XIII). Mario de Andrade chega a se referir ao hábito de escrever e enviar cartões como sendo uma mania detestável quando o que ele (Mário) queria era saber muito (SARAIVA apud MORAES, 2007: 152). Para Marcos de Moraes, entre as tentativas de explicação para a aversão e a falta de interesse que Mário de Andrade demonstrava pelos postais está o fato de sua formação intelectual não ter sido complementada com uma viagem à Europa, o próprio Mário reconhecia tal falta como uma lacuna. Moraes aponta que além das paisagens nunca visitadas por Mário, alguns de seus postais recebidos traziam mensagens que poderiam lhe causar certo desconforto por reforçar suas viagens não concretizadas (MORAES. Op. Cit.: 14).

Salvo todas as explicações de cunho psicológico realizadas por outros autores, não podemos deixar passar a crítica de Mário de Andrade à limitação que lhe impunha o cartão-postal, pois de acordo com o escritor o envio de um cartão não lhe agradava quando ele queria saber muito. Para quem sofria de “gigantismo epistolar” como Mário de Andrade – são muitas as referências do prazer que nutria por se comunicar através de epístolas, como demonstra seu epistolário depositado no Instituto de Estudos Brasileiros/USP – não seria estranho supor que realmente o formato restrito

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

de um postal não o atraia.

Diferente da relação epistolar vivenciada por Mário de Andrade com os cartões-postais, a família Jardim inseriu em seu álbum, postais que foram enviados sob a proteção de um envelope carregando hábitos, notícias e confissões dos remetentes que incluíam a todas as informações gráficas e ilustrativas daquele cenário e da escrita de si.

Vichy, 24 = 10 = 904.

Cara Violeta.

Recebi o teu cartão postal que muito prazer causou-me por ser portador de boas notícias. Já estou afflictíssima que termine os 2 / dias de tratamento, pois vivo aqui num continuo andar, e confesso-te que já estou cansada. Imagina que acordo sempre às 5 e meia, para que às 6 esteja pronta Para a massagem! As massagens tem me feito muito bem ao estomago, mas por outro lado estou triste pois, me fizeram perder um bom kilo de banha e tu, bem sabes como aprecio os meus kilinhos!!

Como vão César e Paulo? acha-os bem dispostos? Já não posso mais de saudades d'elles!! Saudades a todos e tu recebas um saudoso abraço da amiga muito grata Ubaldina.

P.S. Beijos á Ione e muitas recomendações ao teu marido.

A riqueza de detalhes com que o tratamento realizado pela remetente é descrito, nos transmite um desabafo com a descrição de uma cansativa rotina no combate a algum problema estomacal. A menção a perda de peso como uma consequência que lhe era desagradável ilustra de maneira muito apropriada como a noção do belo é algo construído e reconstruído ao longo da história. Ubaldina apreciava seus quilinhos. Provavelmente, o “bom quilo de banha” que o tratamento a fizera perder além de indicar sua condição saudável fazia com que ela se sentisse bonita.

Mesmo a escrita epistolar assumindo um caráter individual e biográfico “ser belo e ser feio não são fenômenos do indivíduo isolado, mas fenômenos coletivos e sociais de grande importância” (SECCHI, 2006: 22). As exigências que, por exemplo, inseriam as cidades num estilo arquitetônico considerado moderno e colocavam as pessoas à mercê da moda parisiense, durante o início do século XX, estavam sem dúvida nenhuma ligadas a um ideal consolidado de beleza e produções simbólicas. A utilização e a divulgação desses conceitos de beleza, devem ser conectados a relações de poder e diferenciação social, que serviam também como elemento de coesão para determinadas classes e tipos sociais.

A coesão entre uma classe, um grupo ou uma nação ocorre de muitas maneiras, inclusive a partir da visão que se constrói e se difunde do outro. Em um postal dirigido a Octávio, o amigo Vital, nos fornece uma representação bastante intrigante atribuída ao brasileiro numa cidade inglesa.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Newcastle 25 /7/ 10

Desejo a sua saúde, da Violeta e Yone. Eu vou bem e aturamos o cacete Newcastle. Por aqui os brasileiros estão muito pouco cotados. Meu jornal publicou que um juiz havia aconselhado as famílias a não deixar os brasileiros entrar em suas casas porque é um povo sem carácter. (...). Muitas saudades (...) Vital

Talvez esteja presente nesta representação do povo brasileiro uma tentativa de reafirmação do próprio caráter da população de Newcastle. Representação esta que precisou ser difundida por um juiz, que sem dúvida nenhuma representava de alguma forma um grupo específico da cidade. Mesmo que qualquer sentimento negativo e pejorativo em relação aos brasileiros pudesse de alguma forma emanar espontaneamente da população em geral na cidade de Newcastle não há como ignorar que de acordo com a mensagem do postal em questão um conselho mereceu publicação em um jornal local. O juiz ou o jornal responsável pela veiculação da informação provavelmente de alguma forma exerciam uma influência considerável, pois nas palavras escritas por Vital estavam os brasileiros “aturando o cacete”.

De acordo com Dante Moreira Leite “em vários países os grupos dominantes impõem – através da educação e dos vários meios de comunicação – o sentimento patriótico, o que evidentemente seria desnecessário se este fosse espontâneo nas massas populares” (LEITE, 1983:7). Considerando a força que um veículo de comunicação consegue exercer sobre a mentalidade social divulgando e difundindo noções sociais e culturais, não é difícil supor que o jornal responsável pela veiculação do conselho administrado por uma autoridade judicial pode ter colaborado para generalização do sentimento xenofóbico, denunciado por Vital.

Não há infelizmente como problematizar de maneira mais consistente a notícia veiculada no jornal, pois não temos acesso nem ao nome do veículo de comunicação que Vital denomina como seu. O que podemos verificar é a repercussão da mensagem entre a comunidade de brasileiros naquela cidade, que incomodou o remetente a ponto de escrever sobre ela. É importante ressaltar que Vital coloca seu sentimento de maneira coletiva quanto usa o plural em mais de uma passagem. Dentro dessa perspectiva não há como desconsiderar a presença de um sentimento de pertencimento a nação brasileira presente no postal aqui exposto. Sentimento este que diferencia os brasileiros em território estrangeiro seja num sentido negativo ou positivo, sempre eivados de estereótipos.

Devido à inacessibilidade ao conteúdo total da mensagem anunciada no jornal não temos como saber se a falta de caráter atribuída aos brasileiros foi embasada por acontecimentos de atos criminosos envolvendo algum estrangeiro de nacionalidade brasileira ou se a advertência realizada pelo juiz obedece a uma supervalorização de padrões ingleses de conduta e comportamento não

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

compartilhados pelos brasileiros que lá residiam.

A falta de informações precisas sobre o contexto da notícia vinculada não permite uma discussão aprofundada sobre o nacionalismo inglês ou brasileiro. A única afirmação possível de ser feita sobre a acusação da falta de caráter do povo brasileiro denunciada pelo postal é que no diálogo ali exposto encontramos a presença de elementos que caracterizam a construção da identidade de um povo a partir da visão que se atribui a outra nação. “De um ponto de vista rigorosamente lógico, o nacionalismo implica em exaltação das qualidades de um povo, o que leva inevitavelmente a comparação com outros (...)” (LEITE, Op. Cit.: 11). Afirmar ou apenas insinuar que os brasileiros são um povo sem caráter e por isso a entrada de um brasileiro não deve ser permitida na casa de uma família em Newcastle significa dizer que as pessoas que ali residem além de recriminarem a falta de caráter do brasileiro, possuem essa qualidade que em teoria nos faltava.

Outra característica que pode ser apontada neste postal é o discurso coloquial e direto utilizado por Vital. Percebemos que de maneira geral os postais recebidos pela família Jardim são enviados por pessoas íntimas pertencentes inclusive a um mesmo círculo de amigos. Vital, por exemplo, é mencionado num outro cartão.

Violeta. Recebi hontem tua cartinha que pena tive saber tua filhinha tão doentinha! Ainda não me foi possivel visitar a Lili por falta de tempo, mas irei comcerteza amanhã. Este cartão tem por fim prevenir-te e ao Sº Jardim que estamos rezidindo a rue Theadule Ribot 4 um bonitinho apartamento. Sº Godofredo vem só. Vital não arranjará também vir? Adeus, Beijinhos na Yonne, lembranças nossas a teu marido recebe um beijo da amiga agradecida (...)

Este último postal transcrito foi enviado em resposta a uma carta fechada. Não apenas Vital é citado como ainda outro senhor é mencionado, sem maiores explicações. O que nos induz a crer não apenas que se trata de um grupo de amigos em comum como estava a Madame Jardim ciente do encontro ali mencionado, onde estariam presentes o Senhor Godofredo, mas a ida de Vital não estava ainda confirmada. A informação do novo endereço é creditada na mensagem com destaque. O cartão foi enviado com o fim de prevenir a destinatária a respeito da nova moradia, portanto, não seria inoportuno imaginar que inclusive a família Jardim estaria presente no encontro.

Essa maneira de utilizar o postal, recheado com mensagens de cunho pessoal é extremamente interessante. Apesar da ausência do segredo epistolar percebemos que os remetentes não se intimidam com a possível indiscrição que a falta do envelope podia causar. Se comparada a outros usos feitos do postal como correspondência é possível perceber certa peculiaridade nessa

escrita que chega inclusive a ignorar a imagem presente na carta postal. Não devemos ser inocentes a ponto de esquecer-nos que muitos dos postais aqui transcritos circularam por países de língua francesa e inglesa enquanto a língua usada na correspondência era o português. Da mesma forma que encontramos postais enviados para o Brasil escritos em inglês e francês. Uma explicação para a falta de pudor presente em mensagens tão ricas e interessantes pode estar no fato dos remetentes suporem a impossibilidade de entendimento por parte daqueles que eram os responsáveis pelo manuseio da correspondência.

A Família Jardim, sua rede de sociabilidade e o espaço urbano

A pequena amostra do conjunto epistolar que aqui aparece nos permite perceber hábitos, costumes e códigos de conduta específicos. Daí a importância de termos em mente que estamos lidando com uma classe social que teve acesso à bens culturais e condições de adquiri-los, o que a diferencia em vários aspectos da posição, da atuação e da visão de outros grupos que compõem a sociedade onde estão inseridos. Não podemos, portanto ignorar a existência de uma estrutura estratificada onde nossas fontes estão localizadas, pois é através deste ponto que conseguimos ter a consciência de que os hábitos e a mentalidade aqui expostos não exprimem uma universalidade presente em determinado momento histórico.

Quando o termo estrutura é utilizado neste trabalho, ele não se limita ao significado de organização social, pois segundo Bourdieu, a posição de um grupo ou indivíduo na sociedade não deve ser imaginada como imóvel (BOURDIEU, 2009: 3-7). Relações particulares em vários momentos podem ser estabelecidas e não necessariamente obedecerem a algum ideal organizacional teorizado. Em outras palavras, são muitos os signos que caracterizam o sentimento de pertencimento e “os grupos de status se definem menos por um ter do que por um ser” (Id.: 15.) a linguagem, o gosto, a cultura, as práticas de lazer são fatores que podem tanto incluir como excluir indivíduos. Muitas vezes e de diferentes formas os aspectos econômicos são submetidos às relações simbólicas (Ibid.: 16-25).

Ao situar o ambiente onde vivia a família em questão se torna muito difícil desvincula-la de uma classe e uma mentalidade dominante no início do século. Os endereços para onde os cartões aqui analisados foram enviados correspondiam a bairros nobres do Rio de Janeiro (Zona Sul e Norte da cidade do Rio de Janeiro a cidade de Petrópolis na região serrana fluminense, além de cidades

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

como Paris e Londres, considerados grandes centros da civilização mundial). São dados de bastante relevância também a profissão de Octávio, que foi Almirante (um dos mais altos cargos da Marinha do Brasil) e diretor do Clube Naval (1922-1923), que desde de 1910 tem sua Sede Social localizada na Avenida Rio Branco, um grande símbolo das reformas urbanas empreendidas na cidade do Rio de Janeiro. Para Nicolau Sevckenko, a Avenida Rio Branco, antiga Avenida Central “ficou sendo o símbolo máximo da Regeneração (...) o eixo fundamental do projeto de reurbanização, (...). Inspirada no planejamento dos bulevares parisienses” (SEVCENKO, 1998: 525), continha em seus arredores os locais preferidos de intelectuais, das camadas sociais emergentes e de grupos que de alguma forma representavam a vida política e econômica do Rio modernizado. O clube naval situava-se no mesmo quarteirão que o Jockey Club e o Palace Hotel, que depois de sua inauguração passou a concentrar um público de ilustres personalidades e a ostentar grandes recepções e comemorações.

Já ninguém mais desconhece o encanto e o brilho das festas organizadas pela nossa Marinha de Guerra.

E dentre as que foram, por Ella, oferecidas á brilhante officialidade da Esquadra Americana, que nos visitou, destaca-se, num relevo encantador, o “Garden Party” oferecido no Jardim Botânico pelo Club Naval.

(...)

Poucas vezes Fon-Fon, tem assistido a uma festa tão encantadora e visto reunido, tão grande numero de moças bonitas.

Fon-Fon agradece penhoradissimo as amabilidades extremas que os seus representantes, dispensaram os organizadores dessa festa inesquecível. (Fon Fon!, n. 42, 25/1/1908)

Tanto os eventos como as edificações ali construídas representavam expressões, estilos e o gosto de grupos sociais que circulavam pelas ruas elegantemente vestidos com casacas, bengalas e chapéus. (OLIVEIRA, 2010: 132-133). A revista *Fon Fon* descrevia que o modelo a ser seguido era o francês, as mulheres apreciavam grandes chapéus, diferentes penteados e tinham a sua disposição “lindíssimos vestidos confeccionados em Paris”.

A Rua do Ouvidor, no centro do Rio, foi a primeira a concentrar lojas francesas. As que não eram legítimas afrancesavam seus nomes: Madame Dupeyrat (coletes), Madame Estoueigt (alta-costura), Madame Coulon (camisaria), Madame Douvizi (chapéus femininos) e Madame Rozenvald (florista) (ESQUENAZI, 2009: 54)

Cenas de pessoas que circulavam pelas ruas do Rio eram exibidas em quase todas as edições publicadas da revista *Fon Fon!*. Na coluna *Rio em Flagrante os nossos instantâneos*, as fotos exibem toda a elegância dos homens de negócios, das Madames e *Mademoiselles* que circulavam pelas ruas remodeladas do Rio com ares de Europa. “As fotografias iam se tornando argumentos poderosos na modernização da cidade, apresentando [não só] o novo comércio e nova arquitetura da

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

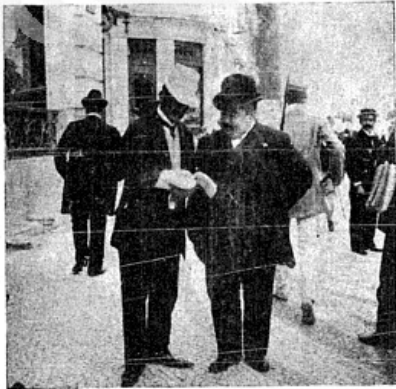
Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

avenida como” (OLIVEIRA, Op. Cit.: 122) também as vestimentas e hábitos da sociedade carioca.

RIO EM FLAGRANTE
OS NOSSOS INSTANTANEOS



O Coronel Ernesto Senna lendo uma de suas obras ineditas, na Avenida Central, ao illustre escriptor Dr. Ferreira Vianna Filho.

Fig.- 2 Fon Fon!, n 49, 14/3/1908

RIO EM FLAGRANTE
OS NOSSOS INSTANTANEOS



Mme Santos Lobo e uma gentil amiga

Fig. – 3 Fon Fon!, n 43, 1/2/1908

“O espaço da Avenida é palco, local de ostentação e exibição.”(MAUAD, 1990: 28). Este cenário estampou postais que procuravam transmitir um aspecto cosmopolita à cidade do Rio e ligá-la de alguma forma aos grandes centros urbanos da Europa. Percebemos esse mesmo ideal progressista presente no cenário carioca, nas imagens de centros urbanos europeus que Octávio selecionava e enviava para sua mulher e sua filha durante viagens que provavelmente foram à trabalho.

A imagem que prevalece, nos primeiros vinte anos do século XX, (...), é a da cidade transformada em cartão postal da modernidade carioca. O espaço dignificado atua como signo de um estilo de vida civilizado. Uma nova geografia do ser moderno se impôs sobre a cidade, elegendo como espaços da aparência: salões, confeitarias, cafés, cinemas, livrarias e a própria rua. Tal como um cenário de pura fachada, estes espaços existem para que a nova classe em ascensão – a burguesia – se identifique, contribuindo, assim, para o vir a ser, à medida que só existem em função de uma vivência social. São formas de um conteúdo, sendo, portanto, impossível dissociar desses espaços os comportamentos que lhe estão subjacentes (Id: 29).

Os gestos, a fala, o comportamento, os lugares frequentados, boutiques, confeitarias, parques, representavam um estilo de vida cultuado no Rio que se civilizava (Ibid.: 32) e não mais queria ser representado por uma figura que nos remetesse ao passado.

O ingresso do Rio de Janeiro nessa perspectiva que priorizava o moderno e o ideal progressista trouxe consigo a literal destruição e desapropriação de qualquer construção existente na cidade que não acompanhasse a onda implacável dos novos tempos. Cortiços, habitações coletivas vistas como insalubres e os populares quiosques espalhados pela cidade foram demolidos. As

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

iniciativas de “transformação cultural e social” (MARTINS, 1998: 143) que a cidade do Rio vivenciou com a destruição de espaços que não representavam a mentalidade instituída, revela uma tendência governamental que priorizou a infra-estrutura nas regiões centrais da cidade concomitantemente a falta de respaldo das zonas periféricas. Dificultou-se a permanência e a futura instalação das camadas pobres da população nas regiões centrais da cidade com uma legislação arbitrária que exigia uma arquitetura uniforme. Proibia-se “a construções de estalagens, cortiços e casas térreas num amplo perímetro que englobava o centro e os bairros do sul” havia regulamentações a respeito das fachadas, paredes e até dos materiais de construções que deveriam ser utilizados (MARTINS. Op. Cit., 146). A “geografia de exclusão” (Id., 136) que se deu na cidade carioca supervalorizou as áreas atingidas pelas reformas urbanas fazendo com que a população despejada tivesse nos subúrbios opções de moradias mais acessíveis.

Além de sua função estética as obras na capital republicana exerceram um importante papel de organização social que encontramos não apenas na administração de Pereira Passos com a construção da Avenida Central, como também posteriormente no governo Carlos Sampaio (1920-1922) com a introdução da Lagoa Rodrigo de Freitas no circuito das áreas nobres do Rio. Sampaio promoveu obras de saneamento e embelezamento numa região que diferentemente dos outros bairros da zona sul ainda era povoada pela classe operária. O processo que se seguiu as modificações de ordem estrutural e estéticas implementadas pelo governo foi o de modificação do perfil populacional que vivia no bairro. Uma classe mais elitizada passou a habitar a Lagoa, que deixara de possuir atividades industriais e os seus antigos terrenos pantanosos (e gratuitos), grandes atrativos para a classe trabalhadora ali residirem (ABREU, 2010: 30,77,78). Entretanto é importante salientar que esses grupos que viviam literalmente a margem, tanto dos acontecimentos registrados quanto dos escolhidos para perpetuar a imagem do Rio de Janeiro, apesar de despejados das zonas centrais e sul da cidade continuaram a circular em meio aos símbolos da *Belle Époque* carioca. Não nos enganemos com as imagens focalizadas pela *Fon Fon* na coluna “Rio em Flagrante”, pois junto com aqueles que seguiam a moda parisiense circulavam também personagens que não representavam o glamour do mundo civilizado, sinalizando que contradições inerentes ao mundo moderno surgiram de forma muito acentuada no Rio de Janeiro. Contradições estas não capturadas pelas imagens expostas nos postais, que optam por meio de um jogo de claros e escuros que não só contribui para uma visão imponente da cidade, como evita a “problematização do espaço urbano e, por consequência, da nova imagem da cidade moderna.” O detalhamento da imagem poderia revelar

que “grupos de trabalhadores, de burgueses e até mesmo de miseráveis dividem” a mesma cena, (...). (OLIVEIRA, 2010: 125).

Todos os bairros que serviram como endereço de destino aos cartões recebidos pela família Jardim, são considerados nobres e fizeram parte da *Belle Époque* carioca. Ana Maria Mauad aponta alguns desses bairros como pontos contemplados pela reforma urbana empreendida por Pereira Passos:

Além da avenida Central, a reforma municipal abriu a avenida Beira-Mar, ampliou o porto, embelezou ruas, alargou outras, criou o pavilhão de regatas do Flamengo e do Mourisco, a vista Chinesa, o Parque de S. Cristóvão, o teatro Municipal e o teatrinho Guignol para crianças, localizadas em Botafogo (MAUAD. Op. Cit., p. 28.)

Muito antes dos bairros remodelados na cidade do Rio de Janeiro fazerem parte do circuito denominado por Ana Maria Mauad de “geografia das aparências”, a cidade serrana de Petrópolis, representava o ideal burguês almejado pelas elites cariocas. Onde, de acordo com a herdeira da coleção, a família em questão era proprietária de uma casa enorme. No verão, Petrópolis era refúgio do calor carioca e durante as epidemias que assolavam a cidade do Rio de Janeiro (cólera, febre amarela, varíola, etc.) servia também de refúgio às elites que fugiam dos miasmas, além de ser uma importante estação de vilegiatura.

Conclusão

A análise de escritos epistolares possui algumas especificidades, que não podem deixar de ser consideradas, como por exemplo, as lacunas existentes num conjunto de cartões postais que foram submetidos ao envio e a diversidade de temas e informações que essas pequenas correspondências carregam.

Seriam os postais objetos colecionáveis que auxiliaram na formação de uma memória social e pessoal? Não eram esses pequenos retângulos ilustrados responsáveis pela problematização de questões inerentes ao processo de modernização pelo qual passavam as cidades, ou qualquer outro assunto de implicações sociais. As mensagens transmitidas pelos cartões que aqui aparecem acabavam por funcionar como registros parciais de lugares e de seus habitantes, sendo assim produtos de representação social da classe dominante, que muito se interessava em adquiri-los.

Não há como desvincular a família Jardim da classe e da mentalidade dominante presente no início do século. Estavam eles presentes em espaços de convívio que configuravam bairros nobres

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

do Rio de Janeiro. Moraram na Zona Sul e Norte da cidade e possuíam uma casa na cidade de Petrópolis na região serrana fluminense. Não só frequentaram como residiram também nos considerados grandes centros da civilização mundial: Paris e Londres, inserindo nossas fontes num conjunto de produções simbólicas com funções próprias.

Nas linhas escritas a caneta tinteiro, foi possível reconhecer ainda relações de amizade e parentesco, além de mensagens afetuosas e de diálogos pessoais, que tiram do cartão postal qualquer estereótipo que ainda possa haver quanto a sua insignificância como objeto de estudo e análise epistolar.

Fontes

Coleção particular de cartões-postais.

Remetente	Destinatário	Local de envio	Data
Geninha	Octávio Jardim	Suíça	jan. 1906
Barboza	Yone Jardim	Vichy	28 jun. 1901
Maria	Violeta Jardim	Dakar	14 dez. 1919
Octávio Jardim	Violeta Jardim	Paris	07 mar. 1905
J. Castro	Violeta Jardim	Reino Unido	Sem data
Ubalдина	Violeta Jardim	Vichy	24 out. 1904
Vital	Octávio Jardim	Newscastle	25 jul. 1910
Nome ilegível	Violeta Jardim	Paris	Sem data

Referências Bibliográficas

ABREU, Mauricio de Almeida. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. 4. ed. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos, 2010.

AMARAL, Gloria Carneiro do. Sévigné em ação: sévignações. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs.). *Prezado senhor, Prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

AZEVEDO, Camila Nascimento. Imagens selecionadas: Uma coleção de postais e alguns de seus significados. In: *Baleia na Rede*. São Paulo, v. 9, n. 1, nov. 2013. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/baleianarede/article/view/2852> Acesso em: 15 jun. 2013.

BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica. In: ADORNO, et al. *Teoria da cultura de massa*. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1982.

BATISTA, Ana Maria Fonseca de Oliveira. *O telefone sem fio, a sobrinha do presidente e as duas*

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

polegadas a mais – concepções de beleza no concurso de Miss Universo. Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina, 1997.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Introdução e seleção Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CAMARGO, Jéssica. *Lendo imagens e palavras: sociabilidades e afetos nas dedicatórias de retratos do acervo José Boiteux (Florianópolis 1890–1930)*. Disponível em: < http://www.alb.com.br/anais17/txtcompletos/sem05/COLE_3436.pdf > Último acesso em: 15 de Outubro de 2010.

ECO, Umberto (org.). *História da beleza*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

ERMAKOFF, George. *Augusto Malta e o Rio de Janeiro 1903-1906*. Rio de Janeiro: G. Ermakoff casa editorial, 2009.

ESQUENAZI, Rose. As “coquettes” de Copacabana. In: FIGUEIREDO, Luciano (org.). *A França Nos Trópicos. Revista de história da Biblioteca Nacional no Bolso*. Rio de Janeiro: Sabin, 2009.

Fon-Fon! n. 42. 25/1/1908. Arquivo digitalizado. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon_1908/fonfon_1908_042.pdf Último acesso em 19 de fevereiro de 2011.

Fon Fon! n. 43. 01/02/1908. Arquivo Digitalizado. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon_1908/fonfon_1908_043.pdf Último acesso em: 19 de fevereiro de 2011.

Fon-Fon! n. 49. 14/03/1908. Arquivo digitalizado. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon_1908/fonfon_1908_049.pdf Último acesso em 19 de fevereiro de 2011.

FREYRE, Gilberto. *Alhos e Bugalhos: Ensaio sobre temas contraditórios: De Joyce à cachaça, de José Lins Rego ao Cartão- Postal*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

KNIBIEHLER, Yvonne. *Corpos e Corações*. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (orgs.). *História das Mulheres no Ocidente*. São Paulo: Edições afrontamento, 1991.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ática 1989.

LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. São Paulo: Pioneira, 1983.

Lista de diretor e Ex- diretores da DEN. Disponível em: <http://www.mar.mil.br/den/diretor.htm> Acesso em 01 de janeiro de 2011.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Lista de Ex- presidentes do Clube Naval. Disponível em: <http://www.clubenaival.com.br/ExPresidente.htm>
Acesso em: 03 de Janeiro de 2011.

MARTINS, Paulo César Garcez. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: NOVAIS, Fernando (coord.) e SEVCENKO, Nicolau (org do vol.) *História da vida privada no Brasil 3*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

MAUAD, Ana Maria. *Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces*. Tempo, v.1, n. 2, dez. 1996. Disponível em: < http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-4.pdf >. Último acesso em: 13 de fevereiro de 2011.

MAUAD, Ana Maria. *Sob o Signo da Imagem: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social da classe dominante, no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX*. Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 1990.

MIRANDA, Antonio. *O que é cartofilia*. Brasília: Sociedade Brasileira de Cartofilia, 1985.

MORAES, Marcos Antonio de. *Orgulho de Jamais aconselhar: A epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo FAPESP, 2007.

MORAES, Marcos Antonio de (org.). *Postais a Mário de Andrade*. São Paulo: Edusp, 1993.

OLIVEIRA, Cláudia de. A iconografia do moderno: a representação da vida urbana. In: Oliveira, Cláudia de; LINS, Vera; VELLOSO, Monica Pimenta. *O Moderno em revistas: Representações do Rio de Janeiro de 1890-1930*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

OLIVEIRA, Nucia Alexandra Silva de. *As páginas da beleza... As representações sobre a beleza feminina na imprensa (1960-1980)*. Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001.

SECCHI, Kenny. *Representação social e imagem do corpo feminino*. Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção de título de mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina, 2006.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: NOVAIS, Fernando (coord.) e SEVCENKO, Nicolau (org do vol.) *História da vida privada no Brasil 3*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

SHAPOCHNICK, Nelson. Cartões postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: NOVAIS, Fernando (coord.) e SEVCENKO, Nicolau (org. do vol.) *História da vida privada no Brasil 3*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

Site Oficial do Clube Naval. Disponível em: <http://www.clubenaival.com.br/Historia.htm> Acesso em 04 de Janeiro de 2011.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL